

A depressão adolescente e a globalização

The depression adolescente and the globalization

Natália Raquel Pereira Loures

Andréa Franco Milagres

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Campus Betim, Betim-MG, Brasil



Resumo

Através deste artigo, busca-se apresentar a relação existente entre o desencadeamento da depressão adolescente e o processo de globalização. Considera-se para tal, dados do aumento significativo desta patologia na adolescência. A fim de alcançarmos o objetivo proposto, são expostos alguns conceitos de adolescência, depressão e globalização, verificando os efeitos deste processo e como ele se concretiza na sociedade do século XXI. Apresenta-se ainda, as influências que podem ser sofridas pelos adolescentes através dos meios de comunicação e da sociedade de consumo em que estamos inseridos. Assim, espera-se que no decorrer do artigo, seja possível verificar as influências (provindas do processo de globalização) sobre o crescimento da depressão na adolescência.

Palavras chaves: Adolescência, Depressão, Globalização, Mídia e identificação.

Abstract

Through this article, seeks to present the relationship between the development of adolescent depression and the process of globalization. It is for this, given the significant increase of this disease in adolescence. In order to achieve the proposed objective, are exposed some concepts of adolescence, depression and globalization, noting the effects of this process and how it occurs in society of the twenty-first century. There is also, the influences that may be suffered by teenagers through the media and of consumer society in which we operate. Thus, it is expected that during the article, is possible to verify the influences (stemmed the process of globalization) on the growth of depression in adolescence.

Keywords: Adolescence, Depression, Globalization, Media and identification.

A adolescência é um período da vida que tem sido discutido por muitos profissionais, principalmente nos dias atuais. Implica grandes transformações na vida do sujeito: o abandono ou a re-significação de algumas posições e fundamentalmente a assunção de novos papéis. Trata-se de uma transição que pode ser caracterizada pela necessidade de “desligamento” que o adolescente deve ter para com os pais, bem como, da proximidade da responsabilidade pelos seus atos e de sua emergente autonomia.

A adolescência pode receber diversas definições. Para Ducan et al, citado por Albrecht e Silva (2000,p.1), “a adolescência tem como característica transformações físicas e psicológicas”. Já para Freud (1889/1989), que nomeia esta fase como puberdade, este período da vida do sujeito passa por transformações que levarão “a vida sexual infantil à sua configuração definitiva (p. 195)”. Para ele, além do desligamento dos pais, é na adolescência que é feita a verdadeira escolha do objeto sexual. Todavia, se na infância a partir das relações de identificação estabelecidas com os pais já estão delimitadas as bases desta escolha, é na adolescência que o sujeito fará sua prova. A partir de encontros fortuitos no campo da sexualidade é que o sujeito deverá dar sua resposta, instalando-se num dos lados da partilha: homem ou mulher? Menino ou menina?

Embora existam diferentes concepções de adolescência, tomaremos como ponto de orientação o fato de que a adolescência não pode ser compreendida simplesmente como uma fase intermediária ou de transição para a vida adulta. Mais que uma continuidade, a adolescência implica uma ruptura - com a autoridade dos pais - e um atravessamento que nem sempre é feito de forma harmoniosa no sentido da assunção da vida adulta e da genitalidade. Desta forma, discordamos da perspectiva desenvolvimentista de que o sujeito iria cumprindo fase por fase, degrau a degrau até finalmente conquistar uma sexualidade

madura a ponto de exercê-la sem sobressalto findado este período. Assim, situamos a adolescência não como fase, mas como travessia que implica necessariamente na assunção de um papel sexual e na vida social. As respostas de cada um diante deste chamado é o que varia. Diante da pergunta com a qual o adolescente é confrontado (o que é a morte, o sexo, a mulher, um pai, o que é ter uma profissão) nunca haverá uma resposta completa e definitiva. Nenhum pai, nenhuma mãe jamais poderá responder a estes enigmas de modo total. Cada adolescente terá que, a seu modo, inventar sua resposta, ainda que parcial, para as perguntas que nunca calam. Esta travessia pode gerar diversos sofrimentos. Não há atravessamento sem dor. Na adolescência, confrontado com a queda ou desgaste da autoridade paterna, o desamparo e a angústia podem surgir do lado do sujeito. Cada um fará sua travessia, às vezes turbulenta: o uso de drogas pode ser um recurso, a identificação com uma tribo ou um grupo pode ser outra, seja no colégio, seja via internet.

Considerando os desafios enfrentados pelos sujeitos adolescentes bem como a configuração da sociedade atual, sociedade esta “[...] em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental” (Birman, 2000, p.23), acreditamos que muitos adolescentes possam vivenciar conflitos psíquicos, sobre forma de patologias, inclusive a depressão. Birman (2000) indica que a partir da idade moderna e da fragmentação da subjetividade, muitos sujeitos apresentam psicopatologias. Segundo ele, algumas dessas patologias seriam a depressão, as toxicomanias e a síndrome do pânico.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) estima que a depressão maior será a segunda causa geradora de sobrecarga no ano de 2020 (BAHLS, 2002). Mas, o que vem a ser depressão? Consoante Ballone (s/d,p.1) ,“a depressão é um transtorno afetivo (ou do humor), caracterizada por uma alteração psíquica e orgânica global, com consequentes alterações na maneira de valorizar a reali-

dade e a vida”. Todavia, para a psicanálise, a depressão não é um diagnóstico. É um termo utilizado largamente e que aspira a um ideal de universalidade científica. Assim, o termo depressão seria uma tentativa de encontrar uma categoria unificadora, para realidades distintas. Para Izcovich (2005, p. 20) “(...) a depressão recobre estados heterogêneos, pertencentes a categorias clínicas bem diferentes”. De todo modo, trata-se seguramente de um fenômeno da sociedade atual que não encontra equivalentes com outras épocas da civilização. Quinet (2006, p.221) na mesma linha de raciocínio diz que “A depressão não é um sintoma no sentido analítico, porém um estado caracterizado por dor, tristeza e falta de vontade. Ela é a perda do brilho que ilumina o viver e que colore o mundo com as tintas do desejo”. Ainda que as definições possam variar, é surpreendente que seja um diagnóstico extremamente corriqueiro nos dias de hoje, feito tanto pelos clínicos, pelos psiquiatras, mas principalmente pelo próprio sujeito entristecido: é uma espécie de “mal-do-século” que parece avançar na mesma proporção da ciência e das novas descobertas tecnológicas que lançam, freneticamente, seus produtos no mercado. De remédios a computadores, de cosméticos a celulares, são objetos que nos são oferecidos pela ciência - agora de mãos dadas com a mídia - em uma promessa mais ou menos implícita: quanto mais consumirmos, mais seremos felizes. Todavia, “o tiro parece sair pela culatra”. Algo não funciona neste esquema e a promessa não se cumpre: não temos sido mais felizes apesar de tanta tecnologia, de tantas ofertas nas prateleiras do mercado. A horda de deprimidos em uso de *fluoxetina*, *Prozac* e similares talvez seja um testemunho disto. Poderíamos a partir daí supor alguma relação entre a depressão e o modo de vida globalizado, onde quem agencia as relações e os vínculos entre as pessoas é o capital?

De posse destas informações, levantamos a hipótese de que a depressão possa estar relacionada ao processo de globali-

zação que se aprimora cada vez mais e alcança patamares cada vez mais elevados e distintos nas sociedades do século XXI. Segundo Barreto (1998, p.31) “A globalização é um processo cujo cerne é a unificação do mercado em escala universal” e onde “a imposição crescente do mercado comum em escala planetária só foi possível a partir da universalização introduzida pela ciência; discurso científico e discurso capitalista, portanto estão conjugados no mesmo processo”. Ainda para Quinet (2006), a globalização é a invasão do capitalismo sobre tudo. Neste sentido, definimos a globalização enquanto um processo de grandes mudanças econômicas, sociais, culturais, intelectuais, tecnológicas e, que, provavelmente, acarreta consequências subjetivas. Estas mudanças, muitas vezes, se apresentam de um modo feroz, como que impondo uma forma de viver ao sujeito. Corroborando nossa hipótese, Peres (2006) aponta que nossa civilização atua de uma forma que favorece a depressão. Após a Segunda Guerra Mundial, houve grandes modificações nas relações entre o homem e a sociedade e a partir daí, um incremento desse sofrimento. Peres acrescenta ainda que cada momento da história propicia o surgimento de diferentes formas sintomáticas. Se no século XIX a histeria era a patologia predominante,

Pesquisas recentes detectam no século XX e no XXI uma verdadeira epidemia no que se refere às depressões. As grandes e aceleradas mudanças transmitem insegurança e acentuam o sentimento de desamparo. As permanentes crises econômicas, o desemprego, as alterações no conceito de trabalho, as guerras e as revoluções, as ideologias que se esfacelam, as modificações nas relações das estruturas familiares, a liberdade sexual, a fragilização das figuras paternas e da autoridade, a expansão do universo virtual confinando o homem a uma vida cada vez mais solitária, o uso abusivo de drogas, a violência urbana, a miséria crescente - enfim, frente a tudo isso, não é difícil constatar que vivemos num momento fortemente depressor. (Peres, 2006, p.23)

No caso, em especial, das transformações tecnológicas e sociais, observamos suas ocorrências em nossos espaços de convivência e relacionamento. Dentre estas, encontramos a potencialidade dos meios de comunicação e de informação, ou seja, a mídia e seus componentes, e uma nova sociedade – consumista e capitalista, respectivamente.

Constatamos assim que a mídia se encontra em pleno desenvolvimento, envolvendo todos os avanços tecnológicos no campo da informação, e tem favorecido grandes transformações nas sociedades contemporâneas. Estas transformações acontecem no âmbito individual e relacional, uma vez que os indivíduos têm “procurado” cada vez mais os relacionamentos virtuais, bem como, a partir destas tecnologias, se isolam, tendendo assim, a se tornarem cada vez mais solitários, já que seus relacionamentos agora se concentram na virtualidade, e não na convivência pessoal. Parece-nos que estas transformações perpassam principalmente os sujeitos jovens. Oliveira (2006, p.32) confirma esta constatação através do resumo de uma pesquisa realizada pela MTVBrasil. Conforme a autora,

O avanço da tecnologia, principalmente a tecnologia da comunicação, abriu novos espaços e ganhou novas linguagens, canais alternativos específicos, e hoje é possível selecionar e usar o canal de acordo com o que se quer dizer, como se quer dizer, para quem e em que tempo se quer dizer. A todo tipo de necessidade corresponde algum tipo de formato, algum instrumento, alguma linguagem, fazendo com que a cada dia fique mais forte a relação dos jovens com o espaço virtual.

Outro aspecto importante, e que vem como consequência da globalização, é o modelo de uma sociedade de consumo. Esta característica social é tipicamente capitalista. Para o modelo global, os indivíduos devem ser produtores de riquezas, ou seja, devem participar da economia, a fim de obterem recursos financeiros para si próprios, inclusive, como consumidores. Vivemos hoje

em uma espécie de evidência do consumo e da abundância, criada pela multiplicação de objetos, conseqüentemente os homens da opulência não se cercam mais de outros homens e sim de objetos (televisões, carros, computadores, faxes, telefones) [...] (Baudrillard citado por Quinet, p. 39). Observamos então que os sujeitos tendem a buscar se desenvolver profissionalmente com a finalidade de consumir para se identificar com determinados modelos ou imagens ou a adquirirem objetos que supostamente lhe tragam a felicidade. Comumente, estes modelos e objetos de consumo são “indicados” pelos meios de comunicação e de informação socialmente utilizados. Tal como no uso dos meios mais modernos de comunicação, os jovens, mais propriamente os adolescentes, também se destacam diante dos bombardeios das sociedades consumistas.

Conforme visto anteriormente, tomamos a adolescência como um ponto de descontinuidade ou ruptura, onde o sujeito é convocado a separar-se de seus pais, a ter autonomia e responsabilidade por seus atos e atitudes, além de sentir-se pressionado por esta sociedade a ser produtor e consumidor. Sendo a sociedade, “o meio responsável e facilitador da entrada do adolescente no mundo adulto” (Gorgulho, 2001, p. 66), ela também, a partir dos princípios que a regem (no caso ocidental, capitalismo e consumismo), estará influenciando constantemente o sujeito adolescente durante sua constituição psíquica.

Chega-se, então, à conclusão de que a própria adolescência é uma invenção da cultura, um produto da industrialização, da tecnologia, da mídia, da globalização exigindo uma contínua adaptação para que o adolescente ingresse como sujeito na vida adulta (SAITO, s/d, p. 2).

Anteriormente, definimos a adolescência como travessia a partir da qual o sujeito deverá desligar-se dos pais e a partir deste legado construir uma identidade, um nome e uma posição, seja no campo da sexualidade ou no campo dos vínculos sociais.

No que diz respeito a este último, em nossa sociedade, esta busca de identificação tem sido fortemente influenciada pelos veículos de informação e comunicação, ou seja, a mídia tem exercido um papel importantíssimo na procura de identificação do sujeito adolescente. Esta influência normalmente se verifica através da divulgação de determinados grupos e de suas formas de agir, ação esta que, implica na forma do sujeito vestir-se, calçar-se, falar e comportar-se. Todas estas formas do sujeito agir no mundo estão, por sua vez, relacionadas ao consumismo, uma vez que, se o sujeito sente-se estimulado a identificar-se com os grupos divulgados pela mídia, deve consumir todos os bens que este grupo consome. Mas, é importante notar que nem sempre esta identificação é bem sucedida. Existem sujeitos que podem dar respostas negativas, que podem rechaçar a proposta uniformizante do discurso capitalista, lembrando à civilização que existem outras opções no caminho do ser humano e que não passam pelo “todos iguais”. (Izcovich, 2006). Nossa hipótese é que o adolescente, em tempos de globalização, pode dizer *não* ao discurso capitalista como forma de resistir à entrada no mundo selvagem da produção e do consumo. Assim, mais além de um diagnóstico, a depressão pode ser compreendida como uma tentativa do sujeito adolescente de preservar algo de sua singularidade. Como já dito, se o adolescente busca uma identificação e se depara com um bombardeio de informações e sugestões a partir da mídia, se vê também influenciado a comportar e a adquirir os objetos sugeridos pelos veículos de comunicação. A partir deste ponto de vista, a depressão pode funcionar como um índice do fracasso de uma proposta que é a igualdade: “todos consumidores!”

Desta forma, a depressão na adolescência, mais que um sintoma universal a ser erradicado, pode estar relacionado a uma resposta subjetiva particular. Resta saber o seguinte: se o sujeito deprimido é aquele que resiste a participar do sistema capi-

talista para salvaguardar algo de si, é bem verdade também que esta escolha lhe traz restrições. O deprimido é aquele que está fora: fora do consumo, fora da produção, fora do laço social. Haveria alguma outra maneira de manifestar seu protesto, porém sem se colocar à margem da vida?

Se a proposta de Izcovich (2006) nos permite considerar que a depressão possa constituir uma solução diante dos impasses e das exigências da sociedade atual, talvez seja uma solução falha. Pois o sujeito acredita que pode dizer *não* ao igualamento proposto pelo capitalismo sem recorrer ao seu desejo. Recusa com seu sintoma o que o outro social lhe demanda, mas se recolhe na solidão, na reivindicação e na queixa, não se apercebendo de que extrai mais do que sofrimento da sua escolha. Em suma: aprendemos com a psicanálise que o sujeito é sempre responsável por suas escolhas. Isto quer dizer que quando se escolhe a depressão como saída temos diante de nós certamente alguém que sofre, mas há aí também certa covardia na medida em que se trata também de um não querer saber nada da condição que especifica o que há de mais humano. Ainda que o deprimido, adolescente ou adulto, manifeste ou denuncie com seu sintoma a verdade que ninguém quer saber – que não há objeto capaz de suprir a falta – preciso atravessar a ponte, pois como diz o poeta, “navegar é preciso, viver não é preciso”.

Conclusão

É importante esclarecermos que nossa proposta não pretende defender a extinção do sistema capitalista globalizado e suas características na sociedade atual, a fim de evitarmos a manifestação da depressão nos adolescentes. Seria ingênuo acreditar nesta possibilidade, dada a complexidade do problema em jogo. Em segundo lugar, mesmo que o sistema capitalista viesse a ser extinto, provavelmente, haveria fatores que

desencadeariam a depressão nos adolescentes, embora esta patologia pudesse não ter uma incidência tão grande como em nossos dias.

Diante dos aspectos apresentados acima, nossa intenção é alertar para o desafio que nos impõe a prática da clínica na contemporaneidade, diante de um quadro que nos parece relacionado a um contexto sócio-político-econômico. Enquanto psicólogos, psiquiatras ou psicanalistas, não podemos responder tão rapidamente a todas as demandas. Neste sentido, acreditamos que seja necessária uma maior preocupação com os adolescentes no que diz respeito à forma de contato dos mesmos com o sistema capitalista e com a massificação dos comportamentos. Percebemos a necessidade de uma preocupação conjunta: pais, professores, e mesmo da necessidade de políticas públicas que visem a um maior controle sobre a mídia, incluindo meios de comunicação como a Internet, difundida tão velozmente. Apostamos que, diante destas medidas, será possível alertar para os riscos

de uma sociedade consumista-capitalista e seus efeitos sobre a subjetividade.

No que diz respeito ao “tratamento” da depressão em adolescentes, entendemos que é preciso estar atentos para o excesso de medicalização presente na sociedade contemporânea. Se recuperarmos a leitura de Freud (1930/1996) no “Mal-estar na civilização”, concluiremos que a tristeza sempre rondou a vida humana, desde que fomos arrancados da mãe-natureza. A felicidade é sempre episódica e a sensação de mal-estar e desconforto é parceira dos seres que habitam a linguagem. As pistas deixadas por Freud podem nos orientar quanto ao projeto atual de medicar todos os sintomas, como se fosse possível exterminar toda a fonte de sofrimento, sem deixar resto. No que diz respeito ao adolescente, é fundamental que diante deste chamado a responder por um novo papel o sujeito possa construir sua resposta. Se a depressão é uma das respostas possíveis, talvez ainda não seja a única ou a melhor.

Referências Bibliográficas

BALLONE, G. J. *O que é depressão*. s/d. Disponível em <www.gballone.sites.uol.com.br/voce/dep.html> Acesso em: 29 de abril, 2007. p.1.

BARRETO, Francisco Paes. A clínica psicanalítica no mundo globalizado. In: *Revista Curinga – A clínica Psicanalítica no mundo globalizado*. Escola Brasileira de Psicanálise. Minas Gerais.nº12, setembro de 2008. p. 31.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Editora Civilização Brasileira. 2ª edição. Rio de Janeiro, 2000. p. 23.

FREUD, Sigmund. As transformações da puberdade. In: FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a sexualidade*. Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Vol. VII, p. 195.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a sexualidade*. Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Vol. VII, p. 195. (Texto original de 1889).

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI. (Texto original de 1930).

GASPAR, Priscila de Faria. *Adolescência: a caminhada entre a infância e a vida adulta*. s/d. Disponível em: <somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=4489>. Acesso em: 27 de maio, 2007. p.1 e 2.

GORGULHO, Mônica. *Adolescência e toxicomania*. Revista IMESC nº 3, 2001. Disponível em: <www.imesc.sp.gov.br/pdf/artigo%204%20%20ADOLESC%C3%8ANCLA%20E%20TOXICOMANIA.pdf>. Acesso em: 01 de abril, 2007. p. 66.

IZCOVICH, Luis. *La depresión em la modernidad*. Medellín: Editora Universidad Pontificia Bolivariana, 2005, p. 11, 14 e 20. (Tradução nossa).

OLIVEIRA, Maria Tereza Guido Moreira de Oliveira. In: CURI, Thereza Christina Bruzzi (org.) *Entre atos e laços: Adolescência Psicanálise* (1ª sessão). Edição dos Autores. Belo Horizonte, 2006, p. 32 e 35.

PERES, Urânia Tourinho. *Depressão e melancolia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p.23.

PIAGET, Jean. O desenvolvimento mental da criança. In: PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. p. 61.

QUINET, Antonio. O despertar do adolescente. In: ALBERT, Sônia. *Esse sujeito adolescente*. Editora Rios Ambiciosos. Rio de Janeiro. 1999. p. 14. Apresentação.

QUINET, Antonio. *Psicose e Laço social – Esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 38, 39, 40 e 221.

SAITO, Maria Ignez. *Adolescência, cultura, vulnerabilidade e risco*. s/d. Disponível em: <www.pediatriasaopaulo.usp.br/upload/html/473/body/01.htm>. Acesso em: 15 de abril , 2007. p. 2.

WANNMACHER, Lenita. *Depressão maior: da descoberta a solução?* Organização Pan – Americana de Saúde/ Organização Mundial de Saúde – Brasil. Brasília, vol.1, nº5, abril, 2004. Disponível em: <www.opas.org.br/medicamentos>. p.4.

Bibliografia

BALLONE, G. J. *Depressão na adolescência*. s/d. Disponível em: <virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=12&sec=20>. Acesso em: 29 de abril, 2007.

AFONSO, A. de F. L., CASTRO, L. R. de., LESHMANN, L. de M. e S., SILVEIRA, A. G. Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade. In: CASTRO, L. R. de (org). *Infância e adolescência na cultura de consumo*. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1999. p.125 – 140.

CRUZ, Andréa Góes da. Espaço urbano e transformações da subjetividade da criança e do adolescente. In: CASTRO, Lúcia Rabello de. (org). *Infância e adolescência na cultura do consumo*.

Natália Raquel Pereira Loures - Andréa Franco Milagres

1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1999. p. 161 – 173.

Sobre as autoras:

Natália Raquel Pereira Loures é aluna do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Campus Betim. **E-mail:** nrplnatalia@yahoo.com.br

Andréa Franco Milagres é psicanalista e professora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.